

ESPORTE



ELES NÃO DEIXAM A PETECA CAIR

BADMINTON conquista e muda a rotina de crianças e jovens em Jacarepaguá



Por Anne Rocha

anne.rocha.academ@gmail.com

Há mais de dez anos, o professor de Educação Física Sebastião Oliveira acalentava um sonho: construir um local para que crianças e jovens da comunidade da Chacrinha, em Jacarepaguá, pudessem vivenciar práticas esportivas e outras atividades físicas, educativas e sociais. Pensou, inicialmente, em utilizar o terreno onde morava para fazer uma piscina, onde ensinaria natação. A idéia não vingou: os custos com manutenção seriam altos demais. Foi quando ele conheceu o badminton, esporte nascido na Índia, por ocasião da colonização inglesa e jogado com raquetes e peteca, no qual só o vento desafia a habilidade dos jogadores.

"Era, justamente, do que precisava", afirma Sebastião, que juntou suas poucas economias, comprou os equipamentos necessários - raquetes, petecas e redes, que custam

muito barato, se comparadas a materiais de outros esportes - e pôs-se a ensinar no chão de concreto improvisado como quadra. Era um sufoco: as crianças frequentemente cortavam os pés, pois não tinham tênis e jogavam descalças.

A quem perguntasse, Sebastião mostrava onde e como seriam as futuras instalações do lugar, com vestiários, alojamentos, sala de informática, biblioteca, sala de ginástica, apontando para uma paisagem ainda vazia, cercada por casas humildes. Sonhador e visionário foi o mínimo que ouviu. Hoje, o Centro de Treinamento de Badminton Miratus está de pé com mais de cem crianças treinando. No dia da inauguração das quadras, em outubro de 2008, emissoras de televisão, parceiros e membros do Ministério dos Esportes cruzaram as vielas para prestigiar a iniciativa.

"Não fiz tudo sozinho. Não tenho condições. Simplesmente iniciei com a esperança de que haveria pessoas generosas que se engajariam nesse sonho. Não errei: parceiros chegaram e disseram que esse projeto era tudo o que eles gostariam de fazer e tinha um 'maluco'

fazendo. Embarcaram nessa porque era o sonho deles também. O que eu queria era um espaço adequado para essas crianças. Você tem que tirá-las da rua e dar uma direção a elas", conta Sebastião, criado, desde os 7 anos na antiga Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor.

O trabalho de Sebastião e de seus parceiros rende frutos: seus atletas são verdadeiras máquinas de ganhar medalhas em competições internacionais. No último Pan-Americano Júnior, na Guatemala, eles ganharam quatro das cinco medalhas de ouro. Das 12 conquistadas pelo Brasil, nove foram pela Miratus. É de lá, também, a campeã brasileira de badminton, Renata Faustino, de 18 anos. Não é pouca coisa.

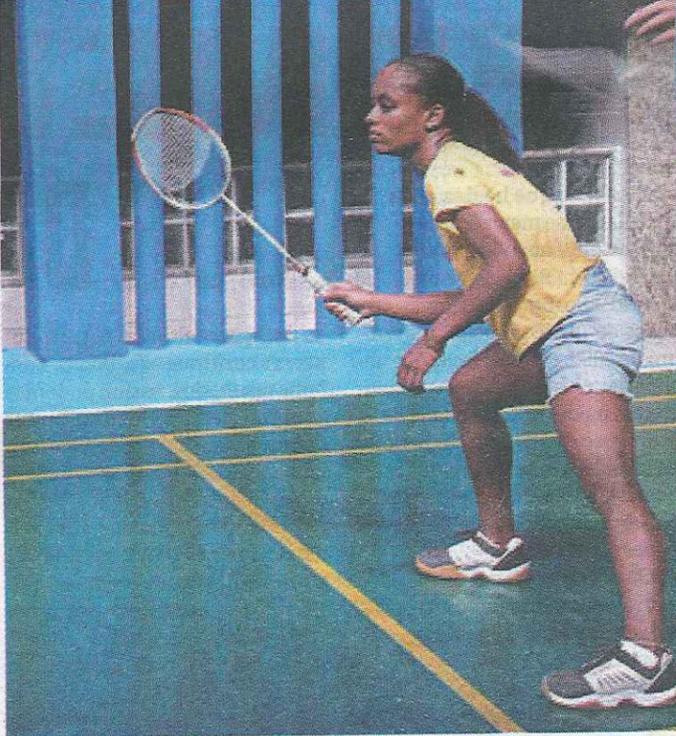
Mas nem tudo são flores. A ajuda recebida por parceiros como Decathlon, Linha Amarela S.A. e Agenco é, principalmente, em for-

ma de materiais esportivos e bolsas de estudo para os alunos mais velhos. Mesmo assim, muitas vezes, o dinheiro é curto e os atletas deixam de participar de algumas competições. "Eu tenho pouco e o que sobra dá para dividir um pouquinho com eles", afirma o professor, que preteriu a construção de sua casa, onde vai morar com a mulher e dois filhos, em prol da Miratus. Por enquanto, eles vivem numa pequena sala anexa ao centro de treinamento.

O estatístico Oreval Alves é vizinho e parceiro da Miratus, para a qual doou parte de seu terreno. Apaixonado por badminton, ele se mostra entusiasmado com o projeto e os benefícios do esporte para a vida dos atletas da Chacrinha. "Agora que concluímos as quadras, a nossa ideia é dar aulas de inglês, porque esse esporte usa muitos termos neste idioma."

Há dois anos, a francesa Gwe-

MAIS DE CEM CRIANÇAS
PRATICAM BADMINTON NA
MIRATUS, EM JACAREPAGUÁ



ELM STAMONDOS SU ESTOJO

naelle, diretora da Decathlon, assistiu a uma matéria no "Fantástico" sobre a Miratus. Foi o bastante para embarcar de cabeça no sonho. "Eu me empolguei e contagei o pessoal da minha empresa também. Uma vez por mês nós visitamos o Rio, trazemos equipamentos, montamos um grupo de voluntários para ajudar a Miratus e, em dois anos, colocamos piso, as paredes em volta", conta, emocionada.

A atleta Tainá Coelho, de 14 anos, foi campeã pan-americana júnior e passou há pouco tempo para a categoria principal do esporte. Ela vê no badminton uma alternativa para a inclusão social. Já o tricampeão pan-americano júnior Ygor Coelho, de 12 anos, admite, entre sorrisos, por que adora jogar badminton: "Ele me leva a vários lugares."

Uma das exigências para entrar na Miratus é estar matriculado em escola e frequentar regularmente as aulas.